

## **Prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroides entre pacientes com lesões musculoesqueléticas**

## **Prevalence of self-medication with nonsteroidal anti-inflammatory drugs among patients with musculoskeletal lesions**

## **Prevalencia de automedicación con antiinflamatorios no esteroideos en pacientes con lesiones musculoesqueléticas**

DOI:10.34119/bjhrv7n3-355

Submitted: May 10<sup>th</sup>, 2024

Approved: May 31<sup>th</sup>, 2024

### **Leonam Antônio Soares**

Pós-Graduado em Fisioterapia em Terapia Intensiva Adulto e Neonatal pelas Faculdades Unidas do Norte de Minas

Instituição: Faculdades Integradas Padrão Guanambi

Endereço: Guanambi, Bahia, Brasil

E-mail: doutorleonam@gmail.com

### **Thiago Victor Teixeira Cotrim Gomes**

Graduado em Direito pela Faculdade Independente do Nordeste

Instituição: Faculdades Integradas Padrão Guanambi

Endereço: Guanambi, Bahia, Brasil

E-mail: thiagocotrimadv@gmail.com

### **André Fabricio Pereira da Cruz**

Metre em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais

Instituição: Faculdades Integradas Padrão Guanambi

Endereço: Guanambi, Bahia, Brasil

E-mail: andre.cruz@fip-gbi.edu.br

### **Juliana Castro Borges**

Graduando em Medicina

Instituição: Faculdades Integradas Padrão Guanambi

Endereço: Guanambi, Bahia, Brasil

E-mail: castrojulianab@gmail.com

### **Rodrigo Defensor Meira**

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade Nove de Julho

Endereço: São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: rodrigodmeira@gmail.com

**Anne Caroline de Oliveira Ramos**

Pós-Graduada em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros

Instituição: Faculdades Integradas Padrão Guanambi

Endereço: Guanambi, Bahia, Brasil

E-mail: anneramos785@gmail.com

**RESUMO**

Lesões musculoesqueléticas são disfunções que acometem diferentes estruturas do sistema musculoesquelético. Elas causam perda de funcionalidade e gastos médicos elevados. Neste contexto, surgem os anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), medicamentos que compõem o tratamento clínico desses pacientes. Eles são usados por conta própria de forma corriqueira, o que pode causar prejuízos à saúde. O estudo objetivou descrever a prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroides entre pacientes com lesões musculoesqueléticas em uma cidade do sudoeste da Bahia. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e transversal. A lesão mais prevalente é a lombalgia. O sexo mais acometido por lesões musculoesqueléticas é o feminino. 92% dos indivíduos relataram que fizeram uso de medicamentos por conta própria. Os principais motivos alegados para automedicação foi a falta de acessibilidade a um médico (54%), seguida pela indicação de familiares e/ou amigos (23%) e indicação de farmacêutico balconista (21%). Evidenciou-se que a prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroides entre pacientes com lesões musculoesqueléticas foi de 92%.

**Palavras-chave:** prevalência, automedicação, anti-inflamatórios não esteroides.

**ABSTRACT**

Musculoskeletal injuries are disorders that affect different structures of the musculoskeletal system. They cause a loss of functionality and high medical costs. In this context, non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs) arise, medicines that make up the clinical treatment of these patients. They are used on their own in a routine manner, which can cause damage to health. The study aimed to describe the prevalence of self-medication with non-steroidal anti-inflammatory drugs among patients with musculoskeletal injuries in a city in the southwest of Bahia. It is a quantitative, descriptive and cross-sectional study. The most prevalent injury is low back pain. The sex most affected by musculoskeletal lesions is the female sex. 92% of individuals reported that they used drugs on their own. The main reasons alleged for self-medication were the lack of accessibility to a doctor (54%), followed by the indication of family and/or friends (23%) and indication of pharmacist clerk (21%). It was found that the prevalence of self-medication with non-steroidal anti-inflammatory drugs among patients with musculoskeletal injuries was 92%.

**Keywords:** prevalence, self-medication, non-steroidal anti-inflammatory drugs.

**RESUMEN**

Las lesiones musculoesqueléticas son trastornos que afectan a diferentes estructuras del sistema musculoesquelético. Causan una pérdida de funcionalidad y altos costos médicos. En este contexto, surgen los antiinflamatorios no esteroideos (AINE), medicamentos que conforman el tratamiento clínico de estos pacientes. Se utilizan por sí solos de manera rutinaria, lo que puede causar daños a la salud. El objetivo del estudio fue describir la prevalencia de automedicación con antiinflamatorios no esteroideos en pacientes con lesiones musculoesqueléticas en una ciudad del suroeste de Bahía. Es un estudio cuantitativo, descriptivo y transversal. La lesión más prevalente es el dolor lumbar. El sexo más afectado por las lesiones musculoesqueléticas

es el sexo femenino. El 92% de los individuos reportaron que consumían drogas por su cuenta. Las principales razones alegadas para la automedicación fueron la falta de acceso a un médico (54%), seguida de la indicación de familiares y/o amigos (23%) y la indicación de empleado farmacéutico (21%). Se encontró que la prevalencia de automedicación con antiinflamatorios no esteroideos en pacientes con lesiones musculoesqueléticas fue del 92%.

**Palavras clave:** prevalencia, automedicación, medicamentos antiinflamatorios no esteroideos.

## 1 INTRODUÇÃO

Lesões musculoesqueléticas são lesões que acometem os músculos, ossos, articulações, etc. Essas lesões são caracterizadas por dor e limitação de mobilidade (Madan & Grime, 2015; Taibi; Metzler; Bellingrath *et al.*, 2021).

As lesões musculoesqueléticas representam a principal causa de incapacidade no mundo (HAY *et al.*, 2017), essa incapacidade dificulta a prática de atividade física, e conseqüentemente, aumenta se os riscos dos indivíduos desenvolverem doenças crônicas (JAMES *et al.*, 2018). Além disso, elas necessitam de custos médicos consideráveis (BLYTH *et al.*, 2019).

Nesse cenário, surge os anti-inflamatórios não esteroides (AINEs). Eles se mostraram eficazes para o alívio da dor nas lesões musculoesqueléticas agudas (Monk *et al.*, 2017) e crônicas (DERRY *et al.*, 2017). Outrossim, essa classe diminui o edema nas condições agudas (Monk *et al.*, 2017).

Os AINEs é uma das classes mais usadas no mundo, inclusive, esses medicamentos podem ser comprados sem receita médica (Han *et al.*, 2020; Barbieri *et al.*, 2020).

De maneira geral, um AINE é formado por um ácido ligado a um grupo funcional aromático plano (Montinari; Minelli; De Caterina, 2019). Ele inibe as ciclooxigenases, conseqüentemente, o ácido araquidônico não se transforma em prostaglandinas (Nina; Berneche; Roux, 2000).

Os AINEs estão associados a efeitos adversos (Davis & Robson, 2016). Eles aumentam o risco de úlceras gastrointestinais e sangramento (Durme *et al.*, 2021). Nesse cenário, surge os inibidores seletivos da ciclo-oxigenase 2, que é uma subclasse que gera menos ulcera (Durme *et al.*, 2021).

Portanto, esses medicamentos devem ser utilizados com cuidado (Hainline *et al.*, 2017), tanto nos anti-inflamatórios orais, quanto nos tópicos podem provocar esses efeitos colaterais

(Stewart *et al.*, 2018). Dessa maneira, é preciso utilizá-los na menor dose e num menor período de tempo possível (Hainline *et al.*, 2017).

Nesse contexto, aparece a automedicação, que pode ser definida como o uso de medicamentos sem prescrição ou supervisão de profissional habilitado (Xavier *et al.*, 2021).

A automedicação é uma pratica comum nos dias atuais (Arrais, *et al.*, 2016). Ademais, o uso desordenado de medicamentos pode causar intoxicação e efeitos adversos (Freitas; Sebben; Arbo, 2022).

O objetivo deste estudo foi descrever a prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroides entre pacientes com lesões musculoesqueléticas em uma cidade do sudoeste da Bahia.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa se tratou de um estudo de caráter descritivo, com análises quantitativas de campo com corte transversal que objetivou descrever a prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroides entre pacientes com lesões musculoesqueléticas em uma cidade do sudoeste da Bahia (Pereira *et al.*, 2018).

A pesquisa ocorreu em uma cidade situada no sudoeste da Bahia e a população foi constituída por pacientes que estiveram nas 05 Unidades Básicas de Saúde escolhidas por conveniência. A amostra do estudo foi constituída por 100 entrevistados, de ambos os sexos, selecionados de forma aleatória. A coleta de dados foi realizada por meio do preenchimento de um questionário individual, com perguntas objetivas de múltipla escolha, inerentes ao objetivo da pesquisa, sem a necessidade de identificação do voluntário. O questionário foi aplicado somente para aqueles que aceitaram participar da pesquisa, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com idade superior a 18 (dezoito) anos. Foi excluído da pesquisa o público que não aceitou participar voluntariamente e assinar o termo TCLE, que não conseguiu responder o questionário completo, ou menores de 18 (dezoito) anos.

Os dados coletados foram reunidos e armazenados em planilha do Software Excel versão 2013 e avaliados estatisticamente no Software IBM® SPSS® Statistics versão 24.0 capaz de fornecer os principais recursos necessários para execução de um processo de análise. Foi utilizado o teste Qui-quadrado para avaliar as diferenças de proporções dos dados categóricos sendo considerado significativo  $p \leq 0,05$ . O estudo foi elaborado seguindo as normas e diretrizes definidas conforme resolução do Conselho de Saúde que regulamentam a realização de pesquisa envolvendo seres humanos nº 466/2012 e foi submetido e aprovado pelo Comitê

de Ética e Pesquisa das UNIFIPMOC. Além disso, o respeito pela dignidade humana bem como a proteção devida aos participantes foi considerado, como preconiza a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, conforme aprovação número 6.275.913.

### 3 RESULTADOS

Foram entrevistados um total de 100 indivíduos de ambos os sexos. Dos entrevistados, 60% eram do sexo masculino e 40% do sexo feminino. Em relação a faixa etária, 1% com idade entre 18 a 29 anos, 12% com idade entre 30 a 40 anos, 23% com idade entre 41 a 50 anos, 19% com idade entre 51 a 60 anos e 45% com idade acima de 60 anos. Analisando o estado civil, 20% eram solteiros, 53% eram casados, 21% eram separados, 4% eram divorciados e 2% eram viúvos. Quanto ao grau de escolaridade, 1% tinham fundamental incompleto, 15% tinham fundamental completo, 13% tinham ensino médio incompleto, 42% tinham ensino médio completo, 24% tinham ensino superior incompleto, 5% tinham ensino superior completo. Em relação a renda familiar dos entrevistados, 15% tinham meio salário mínimo, 18% entre meio e um salário mínimo, 13% entre um e dois salários mínimos, 38% entre dois e três salários mínimos e 16% entre três e cinco salários mínimos. Em todas as avaliações sociodemográficas, obteve-se diferença significativa entre as variações com p menor ou igual a 0,05 (Tabela 1).

Tabela 1- Análise Descritiva da Amostra

		n	%	Sig
<b>Sexo</b>	<b>Masculino</b>	60	60,0	0,046*
	<b>Feminino</b>	40	40,0	
<b>Faixa Etária</b>	<b>18 a 29 anos</b>	01	1,0	0,000*
	<b>30 a 40 anos</b>	12	12,0	
	<b>41 a 50 anos</b>	23	23,0	
	<b>51 a 60 anos</b>	19	19,0	
	<b>&gt; 60 anos</b>	45	45,0	
<b>Estado Civil</b>	<b>Solteiro (a)</b>	20	20,0	0,000*
	<b>Casado (a)</b>	53	53,0	
	<b>Separado (a)</b>	21	21,0	
	<b>Divorciado (a)</b>	04	4,0	
	<b>Viúvo (a)</b>	02	2,0	
<b>Escolaridade</b>	<b>Fundamental incompleto</b>	01	1,0	0,000*
	<b>Fundamental completo</b>	15	15,0	
	<b>Ensino médio incompleto</b>	13	13,0	
	<b>Ensino médio completo</b>	42	42,0	
	<b>Superior incompleto</b>	24	24,0	
	<b>Superior completo</b>	05	5,0	
<b>Meio salário mínimo</b>		15	15,0	0,000*

<b>Renda Familiar</b>	<b>Entre meio e 1 salário</b>	18	18,0
	<b>Entre 1 e 2 salários</b>	13	13,0
	<b>Entre 2 e 3 salários</b>	38	38,0
	<b>Entre 3 e 5 salários</b>	16	16,0

Fonte: Autores (2023).

A partir das respostas, observou-se que dos entrevistados, 83% dos entrevistados já tiveram alguma lesão musculoesquelética. Pode-se notar que a lesão musculoesquelética mais prevalente foi a lombalgia (22%). Dos indivíduos que apresentaram alguma lesão, 76% fizeram uso de algum anti-inflamatório não esteroide, sendo o diclofenaco, o anti-inflamatório não esteroide mais usado (33%), seguido pelo meloxicam (25%). Já analisando a via de administração e o tempo de uso, a via de administração mais usada foi a oral (83%), e o maior tempo de uso foi de 4 a 10 dias (62%) (Tabela 2).

Tabela 2- Dados descritivos das lesões musculoesqueléticas e administração dos anti-inflamatórios

		N	%	Sig
<b>Já teve alguma lesão musculoesquelética</b>	<b>Sim</b>	83	83,0	0,000*
	<b>Não</b>	17	17,0	
<b>Qual lesão musculoesquelética você teve</b>	<b>Lombalgia</b>	22	22,0	0,000*
	<b>Cervicalgia</b>	01	1,0	
	<b>Osteoartrite de joelho</b>	16	16,0	
	<b>Osteoartrite de quadril</b>	20	20,0	
	<b>Impacto femoroacetabular</b>	11	11,0	
	<b>Tendinopatia do manguito rotador</b>	10	10,0	
	<b>Condromalácia patelar</b>	01	1,0	
	<b>Outra</b>	02	2,0	
<b>Fez uso de algum anti-inflamatório não esteroide para essa lesão</b>	<b>Sim</b>	76	76,0	0,000*
	<b>Não</b>	24	24,0	
<b>Qual o anti-inflamatório não esteroide utilizou</b>	<b>Naproxeno</b>	07	7,0	0,000*
	<b>Diclofenaco</b>	33	33,0	
	<b>Meloxicam</b>	25	25,0	
	<b>Celecoxibe</b>	03	3,0	
	<b>Nimesulida</b>	11	11,0	
	<b>Ibuprofeno</b>	19	19,0	
	<b>Outro</b>	01	1,0	
<b>Não se aplica</b>	01	1,0		
<b>Qual a via de administração do medicamento</b>	<b>Oral</b>	83	83,0	0,000*
	<b>Tópica</b>	03	3,0	
	<b>Outra</b>	14	14,0	
<b>Por quanto tempo você utilizou esse medicamento</b>	<b>De 4 a 10 dias</b>	62	62,0	0,000*
	<b>Mais de 10 dias</b>	31	31,0	
	<b>Não se aplica</b>	07	7,0	

Fonte: Autores (2023).

Ademais, 92% dos indivíduos relataram que fizeram uso da medicação por conta própria, o principal motivo alegado para automedicação foi a falta de acessibilidade à um médico (54%). Ademais, 65% dos entrevistados relataram que tiveram efeitos adversos, o principal efeito adverso relatado foi: dor abdominal (55%). Quanto a acessibilidade ao medicamento, 86% relataram que foi fácil o acesso. 66% dos entrevistados relataram que fazer uso de anti- inflamatórios por conta própria não é um potencial risco à saúde. Quanto a confiança na eficácia dos anti-inflamatórios não esteroides, 71% dos entrevistados relataram que confiam na eficácia dos mesmos (Tabela 3).

Tabela 3- Dados relativo auto-medicação, efeitos adversos e acessibilidade

		n	%	Sig
<b>Esse medicamento foi usado por conta própria</b>	<b>Sim</b>	92	92,0	0,000*
	<b>Não</b>	08	8,0	
<b>Que fator o levou a se automediar</b>	<b>Falta de acessibilidade à um médico</b>	54	54,0	0,000*
	<b>Indicação de familiares e/ou amigos</b>	23	23,0	
	<b>Indicação de farmacêutico balconista</b>	21	21,0	
	<b>Outro</b>	02	2,0	
<b>Apresentou algum efeito adverso devido ao uso desse medicamento</b>	<b>Sim</b>	65	65,0	0,003*
	<b>Não</b>	35	35,0	
<b>Qual efeito adverso você apresentou</b>	<b>Dor abdominal</b>	55	55,0	0,000*
	<b>Diarreia</b>	16	16,0	
	<b>Hemorragia</b>	18	18,0	
	<b>Outro</b>	11	11,0	
<b>O acesso ao medicamento foi fácil</b>	<b>Sim</b>	86	86,0	0,000*
	<b>Não</b>	14	14,0	
<b>Acredita que o uso de anti-inflamatórios não esteroides sem a indicação médica é um potencial risco à saúde</b>	<b>Sim</b>	34	34,0	0,001*
	<b>Não</b>	66	66,0	
<b>Confia na eficácia dos anti-inflamatórios não esteroides</b>	<b>Sim</b>	71	71,0	0,000*
	<b>Não</b>	29	29,0	

Fonte: Autores (2023).

Ao relacionar as variáveis, sexo e se já teve uma lesão musculoesquelética, observou-se que os que informaram que já tiveram uma lesão musculoesquelética, 47 indivíduos (78%) eram do sexo masculino e 36 entrevistados eram do sexo feminino (90%). Aos que responderam, que

não tiveram lesão musculoesquelética, 13 indivíduos (21,7%) eram do sexo masculino e 04 entrevistados eram do sexo feminino (10,0%). Notou-se que não houve associação ao relacionar o sexo com se já teve uma lesão musculoesquelética ( $p=0,128$ ) (Tabela 4).

Tabela 4- Relação entre sexo e o fato de teve lesão musculoesquelética

		Sexo				Sig
		Masculino		Feminino		
		N	%	n	%	
Já teve alguma lesão musculoesquelética	Sim	47	78,3	36	90,0	0,128
	Não	13	21,7	04	10,0	

Fonte: Autores (2023).

#### 4 DISCUSSÃO

Este estudo identificou que a lesão musculoesquelética mais prevalente é a lombalgia. Esse resultado difere do estudo de Macário *et al* (2021), onde a lesão mais prevalente no serviço de fisioterapia numa clínica escola do Ceará foi a artrose. Já no estudo de Ramos *et al* (2021), a lesão mais prevalente no serviço de fisioterapia em município da região metropolitana de Curitiba foi a fratura.

A porcentagem de lesões musculoesqueléticas nas mulheres foi maior (90%), esse dado vai de encontro com o estudo de Macário *et al* (2021), onde o sexo feminino foi o mais acometido no serviço de fisioterapia numa clínica escola do Ceará. Esses números divergem do estudo de Ramos *et al* (2021), onde o sexo masculino foi maioria no setor ortopedia- funcional da fisioterapia.

Ademais, este estudo identificou que 92% dos entrevistados se automedicaram. Esse número diverge do estudo de Oliveira *et al* (2018), onde a prática de automedicação com anti-inflamatórios não esteroides por idosos atendidos num centro de referência em Saúde do Idoso foi de 14,7%.

Já no estudo de Bohomol & Andrade (2020), identificou-se que 9,5% dos estudantes de enfermagem de uma instituição superior se automedicaram com anti-inflamatórios não esteroides.

Ademais, Ramos *et al* (2023) verificaram uma taxa de prevalência maior que Oliveira *et al* (2018) e Bohomol & Andrade (2020), a prática de automedicação por anti-inflamatórios entre acadêmicos de enfermagem de uma instituição de ensino superior foi de 74,4%.



Este estudo verificou também que os principais motivos para automedicação, em ordem decrescente, foram: falta de acessibilidade à um médico (54%), indicação de familiares e/ou amigos (23%) e indicação de farmacêutico balconista (21%).

Entretanto, no estudo de Ramos *et al* (2023), os principais motivos para automedicação, em ordem decrescente, foram: busca de alívio rápido dos sintomas (77,3%), desnecessária ida ao médico devido sintomas serem iguais aos anteriores (45,4%) e falta de tempo para ir ao médico (38,6%).

No estudo de Bohomol & Andrade (2020), os principais motivos para automedicação, em ordem decrescente, foram: tentativa de alívio rápido da dor (88,1%), praticidade e comodidade (53,2%) e fácil acesso as farmácias (49,2%).

Dados divergentes foram encontrados por Silva, Siebert, Siebert (2023), em estudo com universitários de uma instituição do Pará, os principais motivos alegados para automedicação, em ordem decrescente, foram: influência de familiar ou amigo (32,9%), prescrições anteriores (26%) e já tinha em casa (sem prescrição) (19,2%).

## 5 CONCLUSÃO

O conhecimento sobre automedicação com anti-inflamatórios não esteroides entre pacientes com lesões musculoesqueléticas se revela de grande importância, tendo em vista sua alta prevalência e escassez de estudos. Identificar os motivos para automedicação pode ser um dos caminhos para reduzir o número de indivíduos que realizam essa prática.

Os dados encontrados permitiram concluir que a lesão mais prevalente é a lombalgia. As mulheres foram as mais acometidas com lesões musculoesqueléticas. A prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroides entre pacientes com lesões musculoesqueléticas é de 92%. Além disso, os principais motivos para automedicação estão relacionados a falta de acessibilidade à um médico, indicação de familiares e/ou amigos, e indicação de farmacêutico balconista. Os resultados desta pesquisa podem fundamentar tomadas de medidas públicas que visam diminuir a prática de automedicação com anti-inflamatórios não esteroides.

## REFERÊNCIAS

- ARRAIS, P.S.D.; FERNANDES, M.E.P.; PIZZOL, T.S.D.; *et al.* Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, 50, supl2, (13s), 2016. Disponível em: DOI:[10.1590/S1518-8787.2016050006117](https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050006117).
- BLYTH, F.M.; BRIGGS, A.M.; SCHNEIDER, C.H; *et al.* The global burden of musculoskeletal pain - where to from here? **Am J Public Health**, 109, 1, (35-40), 2019. Disponível em: DOI:[10.2105/AJPH.2018.304747](https://doi.org/10.2105/AJPH.2018.304747).
- BOHOMOL, E.; ANDRADE, C.M. Prática da Automedicação entre Estudantes de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior. **Cien Cuid Saúde**, Maringá, 19, (e48001, 20200000), 2020. Disponível em: DOI:[10.4025/ciencucuidsaude.v19i0.48001](https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v19i0.48001).
- DAVIS, A.; ROBSON, J. The dangers of NSAIDs: look both ways. **Br J Gen Pract**, 66, 645, (172-3), 2016. Disponível em: DOI: [10.3399/bjjpg16X684433](https://doi.org/10.3399/bjjpg16X684433).
- DERRY, G.; WIFFEN, P.J.; KALSO, E.A.; *et al.* Topical analgesics for acute and chronic pain in adults - an overview of Cochrane Reviews. **Cochrane Database Syst Rev**, 12, 5, (5), 2017. Disponível em: DOI: [10.1002/14651858.CD008609.pub2](https://doi.org/10.1002/14651858.CD008609.pub2).
- DURME, C.M.; WECHALEKAR, M.D.; LANDEWE, R.B. *et al.* Non-steroidal anti-inflammatory drugs for acute gout. **Cochrane Database Syst Rev**, 9, 12, (12), 2021. Disponível em: DOI: [10.1002/14651858.CD010120.pub3](https://doi.org/10.1002/14651858.CD010120.pub3).
- FREITAS, P.H.O.; SEBEN, V.C.; ARBO, M.D. Intoxicações agudas por medicamentos e drogas. **Revista de Ciências da Saúde**, Rio Grande, 34, 1, (51-60), 2022. Disponível em: DOI: [10.14295/vittalle.v34i1.13902](https://doi.org/10.14295/vittalle.v34i1.13902).
- HAINLINE, B.; DERMAN, W.; VERNEC, A.; *et al.* ainline B., Derman W., Vernec A., Budgett R., Deie M., Dvořák J., Harle C., Herring S.A., McNamee M., Meeuwisse W., *et al.* International Olympic Committee consensus statement on pain management in elite athletes. **Br J Sports Med**, 51, 17, (1245-1258), 2017. Disponível em: DOI: [10.1136/bjsports-2017-097884](https://doi.org/10.1136/bjsports-2017-097884).
- HAN, Y.; BALKRISHNAN, R.; HIRTH, R.A.; *et al.* Assessment of prescription analgesic use in older adults with and without chronic kidney disease and outcomes. **JAMA Netw Open**, 3, 9, (e2016839), 2020. Disponível em: DOI: [10.1001/jamanetworkopen.2020.16839](https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.16839).
- HAY, S.I.; ABAJOBIR, A.A.; ABATE, K.H.; *et al.* Global, regional, and national disability-adjusted life-years (DALYs) for 333 diseases and injuries and healthy life expectancy (HALE) for 195 countries and territories, 1990–2016: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2016. **Lancet**, 390, 10100, (1260-1344), 2017. Disponível em: DOI: [10.1016/S0140-6736\(17\)32130-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(17)32130-X).
- JAMES, S.L.; ABATE, D.; ABATE, K.H.; *et al.* Global, regional, and national incidence, prevalence, and years lived with disability for 354 diseases and injuries for 195 countries and territories, 1990–2017: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2017. **Lancet**, 392, 10159, (P1789-1858), 2018. Disponível em: DOI: [10.1056/S0140-6736\(18\)32279-7](https://doi.org/10.1056/S0140-6736(18)32279-7).

MACARIO, N.R.; SILVA, J.L.; SILVA, M.D.; *et al.* Perfil epidemiológico dos pacientes atendidos no setor de fisioterapia de uma clínica-escola do interior do Ceará. **Research, Society and Development**, 10, 13, (e419101321445), 2021. Disponível em: DOI: 10.33448/rsd-v10i13.21445.

MADAN, I.; GRIME, P.R. The Management of Musculoskeletal Disorders in the Workplace. **Best Pract Res Clin Rheumatol**, 29, 3, (345-55), 2015. Disponível em: DOI: 10.1056/j.berh.2015.03.002.

MONK, A.B.; HARRISON, J.E.; WORTHINGTON, H.V.; *et al.* Pharmacological interventions for pain relief during orthodontic treatment. **Cochrane Database Syst Rev**, 11, 11, (CD003976), 2017. Disponível em: DOI: 10.1002/14651858.CD003976.pub2.

MONTINARI, M.R.; MINELLI, S.; DE CATERINA, R. The first 3500years of aspirin history from its roots - A concise summary. **Vasc Pharmacol**, 113, (1-8), 2019. Disponível em: DOI: 10.1016/j.vph.2018.10.008.

NINA, M.; BERNECHE, S.; ROUX, B. Anchoring of a monotopic membrane protein: The binding of prostaglandin H2 synthase-1 to the surface of a phospholipid bilayer. **Eur Biophys J**, 29, 6, (439-54), 2000. Disponível em: DOI: 10.1007/pl00006649.

OLIVEIRA, S.B.V.; BARROSO, S.C.C.; BICALHO, M.A.C.; *et al.* Perfil dos medicamentos utilizados para automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein**, São Paulo, 16, 4, (eA04372), 2018. Disponível em: DOI: 10.31744/Einstein\_journal/2018A04372.

PEREIRA, A. S., SHITSUKA, D. M., PARREIRA, F. J., & SHITSUKA, R. (2018). **Metodologia da pesquisa científica**. [e-book]. Santa Maria. Ed (pp. 3-9). UFSM. [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica). Pdf.

RAMOS, A.C.; CARNIEL, M.; VARA, M.F.F.; *et al.* Perfil epidemiológico dos pacientes do serviço de fisioterapia de um município da região metropolitana de Curitiba/PR. **R Saúde Públ**, 4, 4, (145-161), 2021. Disponível em: DOI: 10.32811/25954482-2021v4n4p145.

RAMOS, N.R.; FILHO, M.A.A.; BARRETO, T.V.R.; *et al.* Análise da automedicação entre os estudantes de medicina de uma faculdade privada do Sul da Bahia. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 23, 8, 2023. Disponível em: DOI: 10.25248/reas.e13719.2023.

SILVA, F.O.; SIEBERT, P.R.; SIEBERT, T.H.R. Os riscos da automedicação em universitários. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, 9, 8, (23998-24012), 2023. Disponível em: DOI: 10.34117/bjdv9n8-058.

STEWART, M.; CIBERE, J.; SAYRE, E.C.; *et al.* Efficacy of commonly prescribed analgesics in the management of osteoarthritis: a systematic review and meta-analysis. **Rheumatology International**, 38, 11, (1985-1997), 2018. Disponível em: DOI: 10.1007/s00296-018-4132-z.

TAIBI, Y.; METZLER, Y.A.; BELLINGRATH, S.; *et al.* A Systematic Overview on the Risk Effects of Psychosocial Work Characteristics on Musculoskeletal Disorders, Absenteeism,

and Workplace Accidents. **Appl Ergon**, 95,(103434), 2021. Disponível em: DOI: 10.1016/j.apergo.2021.103434.

XAVIER, M. S.; CASTRO, H. N.; de SOUZA, L. G. D.; *et al.* Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, 4, 1, (225-240), 2021. Disponível em: DOI: 10.34119/bjhrv4n1-020.